



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS MULTIPLICIDADES DE CONCEITOS E CONCEPÇÕES NO ÂMBITO ESCOLAR

Suziane de Santana Vasconcellos¹; Orientadora: Carmen Lúcia Guimarães de Mattos²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
suziane.santana@gmail.com; carmenlgdemattos@globocom

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão de literatura presente nos resultados da dissertação de mestrado (VASCONCELLOS, 2010) cujo objetivo foi observar os processos de escolarização entre alunos e alunas de uma classe de repetentes. Utilizou-se a abordagem etnográfica de pesquisa com o intuito de observar os participantes como sujeitos ativos, conhecedores de suas experiências e práticas e, capazes de fazer sentido dessas interações (ERICKSON 1988, MATTOS, 1992). A pesquisa utilizou os seguintes instrumentos: observação participante, entrevistas, análise documental e análise indutiva, de onde emergiram macro e micro categorias que atreladas à revisão de literatura conduziram relevantes discussões sobre a classe de repetentes. Dentre tais discussões emergiu a temática da violência escolar no contexto de uma escola pública do Rio de Janeiro, na qual constituiu o foco neste artigo que priorizou a revisão de literatura deste fenômeno que vem se adentrando ao ambiente da escola. Portanto, neste artigo se apresenta os conceitos de violência e violência escolar, para em seguida esclarecer o entrecruzamento dos dois conceitos e suas implicações. As reflexões apresentadas neste texto tem o intuito de contribuir para discussões sobre a violência escolar, visando o entendimento maior sobre os fatores que contribuem para a repetência e conseqüentemente para o fracasso escolar de alunos e alunas no âmbito da escola.

Palavras-chave: Violência, Violência escolar, Ambiente escolar.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade do estado do Rio de Janeiro. Este trabalho teve o auxílio de Bolsas da FAPERJ e CAPES.

² Professora Doutora Associada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Este artigo tem como objeto a violência no âmbito escolar através de uma revisão de literatura. Entretanto, se faz necessário esclarecer que este artigo foi elaborado a partir de um estudo etnográfico que foi realizado em uma 1ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública do estado do Rio de Janeiro, fazendo uso de instrumentos como observação participante, entrevistas etnográficas, análise documental, registros de áudio e vídeo com o intuito de discutir o fenômeno da repetência a partir da perspectiva dos colaboradores da pesquisa, docentes e alunos(as) de uma classe de repetentes, criada exclusivamente no ano de 2008 para atender esses alunos(as) que passaram pela experiência da repetência, entre uma a cinco vezes. Além disso, utilizou-se da análise indutiva com o auxílio de softwares de análise qualitativo (Atlas.ti e Nvivo) para que grande parte do material coletado passasse por um minucioso processo de análise.

A partir desta análise foram levantadas macro e micro categorias que foram selecionadas e agrupadas mediante o objetivo da pesquisa em discutir a repetência escolar. Sendo assim, apresenta-se neste artigo parte dos resultados derivados da pesquisa etnográfica que resultou em reflexões e discussões sobre o processo de escolarização dos alunos e alunas da classe de repetentes. Dentre estas reflexões e discussões a violência escolar mostrou-se como um elemento relevante presente nesta escola. Sendo assim, neste artigo apresentaremos uma revisão de literatura sobre o fenômeno da violência e da violência escolar.

A violência e a violência escolar

A violência é um fenômeno que se manifesta de diversas formas e decorre de conflitos sociais e culturais que precisam ser desvelados para que se possa entender suas causas e consequências. De acordo com Chauí (2001) a violência pode ser considerada como a relação de poder excessivo, no qual não permite o reconhecimento do outro, portanto, usa a força ou a coerção, causando algum tipo de prejuízo, configurando o

oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea. Neste contexto, Waiselfisz (2015) esclarece que violência está atrelada a

“uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.” (p.8)

A violência, de um modo geral, tem sido alvo de investigação de diversos autores, na atualidade, Abramovay & Rua, (2003), Abramovay & Pinheiro, (2004), Abramovay & Avancini, (2004), Abramovay, (2004) e Waiselfisz (2010). A violência no âmbito escolar também vem despertando o interesse de autores que buscam compreender este fenômeno, a saber, Levisky (1996), Zaluar (1999), Chauí, (2001), Charlot (2002), Debarbieux et. al., (2002), Dubet (2003), Araújo (2004), Sposito (2005), Salmi, (2006), Arroyo (2007), Coelho, (2008), Bragança (2008), Gonçalves & Sposito (2009) e Mattos & Coelho (2011).

Por ser pouco visível, a violência está relacionada a temas que se tornaram mais frequentes como as questões de segurança (Waiselfisz, 2005, 2010;) e saúde (Njaine & Minayo, 2003;) e passa a ser medida pelo número de homicídios por habitantes e por boletins médicos emitidos por agentes de saúde.

Neste sentido, Waiselfisz (2005) investigou as mortes causadas por armas de fogo no Brasil do período de 1979 à 2003 e apontou que em 1979, as mortes por armas de fogo ocupavam 1% do total de óbitos do país. Essa representação cresceu de forma constante até apresentar 3,9% do total de mortes no ano de 2003. Entretanto, as mortes por armas de fogo apontaram um maior crescimento entre os jovens, passou de 7,9%, do total de mortes juvenis em 1979, para 34,4%, em 2003, ou seja, um em cada três jovens que morrem no país é ferido por bala.

Ainda no tema relacionado à segurança, Waiselfisz, (2010) apresenta um mapa da violência no Brasil e utiliza como indicador o número de homicídios por habitantes. Neste mapa o Brasil ocupa o 6º (sexto) lugar no Ranking mundial da violência. O autor mostra que a violência no Brasil tem se concentrado nas áreas urbanas das principais cidades. Contudo, o índice de violência apresentou uma queda significativa no ranking



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

nacional da violência, depois que ocupou o 1º lugar no ranking nacional em 2007. Em 2010 apresentou um 29,4% de índice de violência ocupando o 4º (quarto) lugar no ranking da violência no Brasil. Em 2015 Waiselfisz apresenta um novo mapa da violência, onde o Brasil ocupa o 3º (terceiro) lugar no ranking mundial da violência entre 85 países.

Waiselfisz(2015) ainda apresenta uma amostra nacional sobre o medo em relação a pessoas serem vítimas de assassinato que revela que 78,6% da população apresenta muito medo de ser assassinada, ou seja, 8 (oito) em cada 10 (dez) pessoas tem muito medo de serem assassinadas. O autor ainda traz que os homicídios afetam um relevante número de jovens e que os jovens entre 16 e 17 anos assassinados representam quase a metade da mortalidade nessa faixa etária, o autor ainda alerta que, cerca de 10,3 adolescentes são vítimas de homicídio a cada dia. Waiselfisz (2015) ainda afirma que a tendência é que esse índice aumente ainda mais no futuro, alertando que “se hoje a situação vital desses jovens já é grave e preocupante, não vemos muita perspectiva de melhora num futuro imediato” (WAISELFISZ, 2015, p.19).

A violência também é investigada através dos riscos que podem afetar a saúde dos alunos. Relacionados a estes riscos, Minayo & Souza (1999) realizaram um estudo sobre as possibilidades e dificuldades de prevenir a violência a partir do campo da saúde pública. Deste modo, as autoras afirmam que a violência não está restrita ao âmbito da justiça e da segurança pública e, apresentam dois motivos para associar a violência ao âmbito da saúde.

“O primeiro, porque, dentro do conceito ampliado de saúde, tudo o que significa agravo e ameaça à vida, às condições de trabalho, às relações interpessoais, e à qualidade da existência, faz parte do universo da saúde pública. Em segundo lugar, a violência, num sentido mais restrito, afeta a saúde e freqüentemente produz a morte.” (*Idem*, 1999. p. 11)

Neste sentido, Njaine & Minayo (2003) apresentam um estudo realizado através de grupos focais constituídos por alunos e professores. As autoras apresentaram como objetivo do trabalho analisar a violência na escola e os fatores de riscos relacionados à saúde dos alunos. Com a análise desse material visaram contribuir para a construção de propostas que auxiliem na prevenção da violência. Sendo assim, elas apresentam três



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sugestões dadas pelos alunos como o intuito de melhorar as condições da escola para enfrentar a violência. A primeira é acolher o aluno e conversar com o mesmo, a segunda é melhorar o ambiente escolar e a terceira, e última sugestão, é trabalhar os problemas alternativamente com o intuito de melhorar a convivência entre os atores escolares.

A violência está ligada a questões sociais e culturais que cujo contorno assume diferentes tipos, Salmi (2006) faz um estudo e apresenta quatro tipos de violência: 1) Violência direta, que está relacionada à morte, ferimento, escravidão; 2) Violência indireta ou violência por omissão, se refere a incapacidade de promover proteção; 3) Violência repressiva, viola os direitos humanos como liberdade e religião; 4) Violência alienadora diretamente ligada ao racismo, ostracismo, ao viver com medo.

Dentre os conceitos ressaltados foi possível identificar nas análises desse estudo que a violência é entendida como a ultrapassagem de limites que perturbam acordos tácitos e regras que ordenam essas relações, adquirindo formas negativas ou maléficas. Isto é, a percepção dos limites e sofrimentos que provoca e caracteriza o ato violento. Esta percepção, varia cultural e historicamente (Zaluar, 1999, p.08). No contexto social, a violência é complexa e evoca hierarquias sociais, regras, acordos e valores culturalmente contextualizados. Violência socialmente é confundida com questões sociais, tais como: desigualdade, miséria, preconceito e vulnerabilidades (Mattos, Castro, 2010). Socialmente ela se desenvolve dentro de uma conjuntura que evolui das desigualdades e do conflito entre seus atores, e contribui para agravamento desses conflitos e violências.

De acordo com Abramovay & Pinheiro (2004) a violência está associada às vulnerabilidades sociais como “resultado negativo da relação entre a disponibilidade de recursos (materiais ou simbólicos) dos atores e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade civil”.

A violência também envolve dimensões psicológicas, culturais e físicas, Mattos (2007, p.77) conceitua de “multifaces da violência”. Estas faces podem ser entendidas como física, verbal, psicológica, simbólica e o bullying. Candau, (2008) teoriza a “cultura da violência” que envolve crianças e jovens cada vez cedo em sua trama. Para Arroyo (2007) os sujeitos da violência geralmente são crianças, adolescentes e jovens

considerados como “menores infratores” das classes populares. A violência cria uma rede de confrontos e provoca uma crise do processo civilizatório, sendo alvo de debate sobre as formas de reorganização da sociedade.

No estudo de Sposito (2005) um dos fatores que contribuiu para a violência é a sua banalização, (p.05). Esta banalização produz conseqüências para a escola por estruturar formas de sociabilidade que tiram o caráter eventual ou episódico das práticas de destruição dos espaços escolares ou de uso da força entre seus atores.

A banalização traz conseqüências sobre o papel social da escola e suas implicações na banalização e formação dos seus sujeitos. Gomes (et al 2006) estudou a violência sob a ótica de alunos de diversas escolas, públicas e particulares no Distrito Federal e elencou indicadores para a violência onde: I) a sala de aula é uma agência de socialização; II) as escolas difundem padrões culturais presentes em suas vidas nas comunidades escolares e estes refletem em conflitos, lutas e embates presentes nestes contextos. Além das questões dos conflitos intramuros, existem os conflitos endógenos à escola, proveniente do ambiente em que vivem seus alunos, as gangues, o tráfico de drogas, dentre outros. De acordo com o autor a violência, está associada a gangues e galeras que mantêm o controle sobre suas práticas do dia a dia.

De acordo com Levisky (1996) existe uma ligação entre a violência e a agressividade que é usada como um artifício para a sobrevivência do jovem em ambiente agressivo. Para ele a violência pode ser considerada:

“como forma extremada só uso mental ou físico da agressividade, tem sido considerada por alguns pesquisadores como um tipo de conduta adaptada neste mundo cada vez mais manifestamente hostil. Em uma sociedade que se autodestrói brutalmente, a violência torna-se uma técnica de sobrevivência”
(Idem, p. 47)

Entre estas diversas formas de vivencia está a agressão verbal, que se manifesta pela agressão sem o uso da força física, quando o agressor utiliza artifícios verbais que podem ofendê-lo moralmente. Uma forma que vem sendo amplamente estudada (Silva & Alcantara, 2009; Araújo, 2009; Marriel, 2006; Mattos & Castro, 2010) é o fenômeno “Bullying”. Bullying se refere Segundo Araújo (2009) Bullying é um termo de origem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

inglesa utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, motivando, geralmente um sentimento negativo por quem sofre da violência de um bully.

O Bullying é uma dimensão da violência, definida por Silva e Alcântara (2009, p. 20) como “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, adotadas por um ou mais estudantes contra outros, em geral mais frágeis ou em situação desfavorável em relação aos agressores.” Marriel (et al, 2006) apresenta Bullying como “zoações”, que leva o significado de encarnação, humilhação, violação. De acordo com Mattos e Castro (2010) Bullying é um processo de tortura freqüente de colegas sobre um deles, através de um processo persistente de provocação sobre alguém com piadas, apelidos, troca de olhares, dentre outros. Este tipo de violência pode ser considerada além de física e verbal como simbólica. Marriel (et al, 2006) apresenta Bullying como “zoações”, que leva o significado de encarnação, humilhação, violação.

Definida por Bourdieu (2000) a violência simbólica e o processo no qual uma determinada classe impõe sua cultura à outra de dominados. Ela consiste na imposição "legítima" da cultura dominante. Na dimensão da violência simbólica veiculando-se, das agressões verbais e das intimidações pela punição, e das formas de coação. Estas se apóiam em uma disposição de dominação que pode ser cultural, social, econômica.

Koehler (2003), Azevedo e Guerra assim como Bourdieu afirmam que a violência simbólica ou psicológica pode também se manifestar como “tortura-psicológica” que ocorre quando o agressor deprecia o agredido tolhendo seus esforços de auto-aceitação, resultando em um sofrimento mental.

No âmbito escolar, a violência social e a psicológica também é relacionada aos processos de exclusão observados nas escolas e salas de aula. Um estudo realizado por Patto (2005) indica que a universalização da Escola Básica contribuiu para incluir alunos das classes menos favorecidas socialmente, e como resultado provocou uma lógica excludente promovida pela escola.

Para Dubet (2003, p. 43) a escola promove a exclusão e vive uma crise de transformação em seu interior, ele nos diz,

“as relações da escola e da sociedade se transformaram e que a escola perdeu sua “inocência”. Ela própria é o agente de uma exclusão específica que



transforma a experiência dos alunos e abre uma crise de sentido nos estudos, às vezes até da legitimidade da instituição escolar”

O mesmo autor afirma que a violência escolar se explica através da distância cultural e social que separa os professores de seus alunos, assim como pelas diferenças de expectativas entre as famílias e a escola, provocando um sentimento de uma crise de legitimidade da escola.

Neste cenário, Mattos (2007, p.81) pautada nos estudos de Berger e Luckman indica uma “crise de sentido” que atingiu a escola. Esta se caracteriza por formas cruéis de violência. O conflito entre os atores escolares deriva do embate entre a cultura escolar e a cultura do aluno. A escola está desorientada com a chegada deste “novo aluno”. Esta crise deriva da (des)obediência em cumprir as exigências da escola, muitas vezes, por não compreendê-las.

Charlot (2002) destaca que para compreender as diferentes manifestações de violência se faz necessário diferenciá-la de três formas: 1) a violência na escola, 2) a violência à escola e 3) a violência da escola. A violência na escola é a que se dá e se produz no espaço escolar; a violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição, é a violência contra a escola; e a violência da escola é a violência institucional marcada pela maneira como a escola lida com os jovens: a composição das classes, a atribuição de notas e o regime de avaliação, as palavras, atos e atitudes de seus agentes considerados como injustos, racistas e preconceituosos.

Ao se tratar de violência escolar (Mattos & Coelho, 2011) apresenta o conceito de violência a partir de uma revisão de literatura e através de “vinhetas etnográficas derivadas de artigos produzidos entre 1992 e 2007 pelo Núcleo de Etnografia em educação (netEDU) da Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ) e de imagens de vídeos revisitadas por Coelho (2008) originárias de pesquisa coordenada por Mattos (2005-2008)” (p. 195) as autoras afirmam que a violência não se resume aos “atos violentos visíveis aos nossos olhos, como também se esconde em ações silenciadoras, discriminadoras, de desrespeito e de humilhação, nem sempre reconhecidas como violentas” (p.198)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sendo assim, a violência, tanto no contexto geral quanto escolar, pode vir de forma velada, na qual nem sempre é aparente, tal como uma violência física. A violência pode se apresentar de forma sorrateira e subliminar, como por exemplo, através do escrutínio (Mattos & Castro, 2005), em que o aluno é colocado em uma situação de exposição pública.

Portanto, a violência mostra-se cada vez mais presente no âmbito escolar e demonstra diversas fases que precisam ser cuidadosamente observadas e estudadas, pois, de acordo com Mattos & Coelho (2011) “a educação é o caminho principal para prevenção e combate à violência” (p. 196), portanto, estudar a violência na escola pode contribuir para ampliar o conhecimento sobre o tema. Visto que, a violência escolar está se expandindo e será cada vez mais e com mais gravidade. Neste aspecto, este artigo espera contribuir para discussão deste fenômeno que vem adentrando cada vez mais no âmbito escolar.

Referencias

- ABRAMOVAY, M. *A Violência nas Ruas: Absenteísmo e Fracasso Escolar* http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=5&Itemid=2 acesso em 21/08/2010.
- ABRAMOVAY, M. e RUA, M. G. *Violência nas Escolas* Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ABRAMOVAY, M.; et al. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2004.
- ABRAMOVAY, M.; et al. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004, p.19.
- ABRAMOVAY, Miriam; AVANCINI, Marta Franco. *Educação e Incivilidade*. In: Construir Notícias, Ano 03, n.17, Jul/Ago 2004.
- ARAÚJO, C. *A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens*. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ARAÚJO; F. A. de. *Bullying: uma abordagem teórica dessa construção social*. Rio de Janeiro, 2009. 149p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- ARENDRT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ARROYO, M. G. *Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28, n.100, p.787-807, out. 2007.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 2.ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil 1998.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 2001.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

COELHO, M. I. M. *Violência nas escolas: questões de cultura e formação humana em contextos brasileiros*. Apresentação Seminário de estágio de Pós-Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

DOMINGUES, M. *Violência e agressividade – Estaremos a tornar-nos cegos perante as evidências*. Filosofia a10º ano. Nota positiva, 2007 Acessado pelo site: http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/filosofia/filosofia_trabalhos/violenciaeagressividade.htm

DUBET, F. *A escola e a exclusão*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 119, p. 29-45, jul. 2003

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes. 1987

GOMES *et al* *A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal*. Cadernos de Pesquisa, v.36, n.127, p.11-34, 2006.

GONÇALVES *et al* *Violência na escola, práticas educativas e formação do professor*. Cadernos de Pesquisa, v.35, n.126, p.635-658, 2005.

KOEHLER, S. M. F. *Violência Psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor-aluno*. In: Congresso Internacional “A Nova Alfabetização: um desafio para a educação do século XXI.” 2003, Madri, p.1-13.

MARRIEL, L. C. E. A. *Violência escolar e auto-estima de adolescentes*. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, p.35-50, jan./abr. 2006.

MATTOS, C.L.G. & CASTRO, P. A. *Análises etnográficas das imagens sobre a realidade do aluno no enfrentamento das dificuldades e desigualdades na sala de aula*. In: BARBOSA, Inês *et al.* (org). *Pesquisa em Educação – métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

MATTOS, C. L. G. & COELHO, M. I. M. *Violência na escola: reconstruindo e revisitando trajetórias e imagens de pesquisas produzidas por no Núcleo de Etnografia em Educação entre 1992 e 2007*. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (org.) *Etnografia e Educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011

MINAYO M.C.S, Souza E.R. *É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da Saúde Pública*. *Ciência e Saúde Coletiva* 04(1):7-32. 1999

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. *Violência na Escola: identificando pistas para a prevenção*. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v.7, n.13, p.119-34, 2003

RYAN, W. *A arte da Descoberta do Selvagem: como culpar a vítima*. In: *Blaming the victim*. New York: Random House, March, 1971.

SALMI, J. *Violence, democracy and education: an analytical framework*. In: E.Roberts-Schweitzer, V.Greaney and K. Duer (eds). *Promoting Social Cohesion through Education*. Washington: World Bank, 2006.

VELHO, G. *O desafio da Violência*. *Estudos Avançados*, 14 (39), p. 56-60, 2000.

WASELFISZ, J. J. (organizador). *"Mortes Matadas por armas de fogo no Brasil de 1979 a 2003"*. Brasília: UNESCO, 2005.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2010: anatomia dos homicídios no Brasil*. Instituto sangari, 2010 . disponível em: <http://www.institutosangari.org.br/mapadaviolencia/MapaViolencia2010.pdf>

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2015: adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil*. Flacso Brasil. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015_adolescentes.pdf



ZALUAR, A. *Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização.* Perspectiva. São Marcos, v.13, n.03, p.3-17, 1999.